



A DESIGUALDADE DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO COM BASE NA INFÂNCIA SENEGALESA¹

Joice Andressa Fritz Drefs², Maria Simone Vione Schwengber³,

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina Infância, Escola e Desigualdade

² Doutoranda e bolsista PROSUP/CAPES, do programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI

³ Professora Dra. do programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI

RESUMO

O presente estudo é movido pelo interesse em pesquisar acerca da infância senegalesa, a desigualdade de gênero e o sistema educacional do Senegal. Diante disso, nosso artigo tem como objetivo a investigação das desigualdades de gênero na educação, vivenciadas por um homem e uma mulher muçulmanos no período da infância. Para isso, utilizamos o método de estudo de caso, mediante entrevistas semiestruturadas. O processo de análise é dividido em duas seções, a primeira referente a contextualização dos entrevistados, cultura e estrutura familiar. A segunda seção é em relação às desigualdades de gênero vivenciadas e percebidas na escola.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. Educação. Infância. Senegal.

ABSTRACT

The present study is driven by an interest in researching Senegalese childhood, gender inequality, and the educational system of Senegal. Accordingly, our paper aims to investigate the gender inequalities in education experienced by a Muslim man and woman during their childhood. To achieve this, we employed the case study method through semi-structured interviews. The analysis process is divided into two sections: the first pertains to the contextualization of the interviewees, their culture, and family structure. The second section relates to the gender inequalities experienced and perceived in school.

Keywords: Gender Inequality. Education. Childhood. Senegal.

INTRODUÇÃO

Outubro de 2022. Divulgava-se em manchetes de jornais e nas páginas do Instagram: “Adolescente morre ao retirar véu na escola”, “Iraniana morre ao ser estuprada”, “Estudante morre ao protestar em escola”, “Menina de 14 anos é estuprada ao protestar em escola”.

Manchetes da história de Masooumeh, uma menina iraniana que morreu em decorrência de um sangramento vaginal. Masooumeh, tinha 14 anos e protestava na escola contra a morte de jovens iranianas, que não usavam o véu de maneira correta. Como forma de protesto, Masooumeh, retirou o seu véu na escola, então os seguranças da escola a levaram para um



quartel, a deixando em custódia. Mais tarde, Massoumeh deu entrada ao hospital com um sangramento vaginal que a levou à morte.

O véu usado pelas mulheres é conhecido como *hijab*, sendo ele uma peça de vestuário que cobre a cabeça e o pescoço, deixando o rosto da mulher visível. Ele é uma parte da vestimenta modesta e da observância das normas de vestuário seguidas por muitas mulheres que seguem o Islã em todo o mundo (Guimarães, 2021). Algumas mulheres o usam por escolha própria, como uma expressão de sua fé e identidade cultural, enquanto outras usam por obrigação da família e do Estado. O uso do *hijab* é uma prática religiosa e cultural que varia de país para país e até mesmo em diferentes comunidades (Guimarães, 2021).

Cabe destacar que o uso do *hijab* é uma prática religiosa e cultural de pessoas que seguem a religião do Islã, conhecidas como muçulmanas. O fato do uso do *hijab* variar de país para país, incluindo o Irã, se refere às normas do Estado, o Irã não é um país laico, pois seus governos segue o Islã, sendo assim, muitas leis e políticas do Irã são influenciadas pelo Islã. Da mesma forma países como a França, que assumem uma posição de Estado Laico, não autorizam que pessoas que seguem a religião do Islã, usem determinadas vestimentas obrigatórias em alguns lugares, como a escola, pois compreendem que é nesse espaço que esses sujeitos podem experimentar outras vivências. Um outro exemplo é o país do Senegal, que embora tenha uma população majoritariamente muçulmana, seu Estado é Laico, mantendo uma postura neutra em relação a religião.

Os homens, por sua vez, não possuem vestimentas obrigatórias, mas há certas vestimentas recomendadas. De acordo com Guimarães (2021), as normas de vestuário para os homens são menos rigorosas do que para as mulheres. Isso nos mostra um reflexo da desigualdade de gêneros, em que homens e mulheres vivem uma distribuição desigual de direitos.

A desigualdade de gênero diz respeito às disparidades e discriminações existentes entre pessoas de diferentes gêneros, com ênfase nas desvantagens e preconceitos que as mulheres enfrentam em comparação com os homens. Essas disparidades podem se manifestar em várias áreas da vida, incluindo aspectos econômicos, políticos, educacionais, além de certas normas sociais e culturais.

Conforme a Organização Mundial da Saúde, OMS (2010), a desigualdade de gênero tem um impacto significativo na saúde das pessoas. Isso inclui disparidades no acesso aos



cuidados de saúde, na exposição a riscos à saúde e nas consequências para a saúde, devido à violência de gênero e normas de gênero prejudiciais. Assim, a OMS, (2010) enfatiza que a desigualdade de gênero é um problema social pelo qual muitas mulheres são colocadas numa posição desigual em determinadas relações e também na cultura.

A desigualdade de gênero é uma questão global e afeta pessoas em diferentes graus em todo o mundo. Esforços estão sendo feitos em níveis internacional, nacional e comunitário para combater a desigualdade de gênero, promover a igualdade de oportunidades entre os gêneros e contribuir para eliminar a discriminação com base no gênero. Um desses esforços, em nível internacional, se refere aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS são um conjunto de 17 metas globais estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) como parte de uma agenda para promover a sustentabilidade e combater os principais desafios globais até o ano de 2030. Dentre esses objetivos, estão elencados como desafios globais a fome, a pobreza, saúde, educação e a igualdade de gênero.

Nesse contexto, é essencial refletir sobre o quinto objetivo dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que visa promover a igualdade de gênero e erradicar as desigualdades e discriminações de gênero em todas as esferas sociais. No espaço acadêmico, a igualdade de gênero vem sendo tratada por pesquisadores como (Schwengber, 2021; Hooks, 2019; Scott, 1995) a muitos anos, por meio do campo dos estudos de gênero.

Os estudos de gênero, além de tratar sobre a igualdade, investigam como as noções de gênero são criadas e perpetuadas pela cultura, explorando as vivências individuais de identificação de gênero e as formas como as pessoas se percebem e se relacionam com as normas de gênero. Além disso, propõem-se a questionar e desconstruir determinadas normas de gênero tradicionais, que frequentemente resultam em desigualdades e discriminações (Scott, 1995) (Hooks, 2018).

Diante disso, nosso interesse nessa escrita é investigar as desigualdades de gênero vivenciadas por um homem e uma mulher no período da infância, no país do Senegal, em relação à escola.

METODOLOGIA

A presente escrita foi desenvolvida no ano de 2023, como parte do processo avaliativo da disciplina, Infância, Escola e Desigualdade, do Programa de Pós-Graduação em Educação



nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Caracterizando-se como um estudo de caso, tendo como referência a pesquisa básica, adotando uma abordagem metodológica qualitativa.

Como procedimento de pesquisa para a produção dessa escrita, foi utilizado a entrevista semiestruturada, em que foram pré-desenvolvidas questões para a entrevista com os participantes, porém, conforme novos questionamentos iam surgindo durante o processo da entrevista, os mesmos foram incorporados. Como forma de registro, as entrevistas foram gravadas para que nenhum detalhe fosse perdido.

Quanto aos participantes da entrevista, foram selecionados dois sujeitos, um homem e uma mulher, ambos de origem senegalesa, que cresceram no país e mais tarde cursaram ensino superior no Brasil. A escolha dos sujeitos de gêneros distintos visa, observar as diferenças entre eles, a fim de compreender as desigualdades de gênero que possam ter vivenciado durante a infância no contexto educacional. Este estudo se interessa particularmente pelas diferentes percepções pelas práticas educativas de duas escolas básicas, podem ou não terem desenvolvido. Uma vez que entendo que a escola pode contribuir decisivamente para estabelecer práticas educativas que ensejem discussões, atitudes e a construção de posicionamentos refratários às desigualdades de gênero.

Cabe destacar que por se tratar de uma escrita elaborada a partir de envolvimento com sujeitos, todas as etapas da pesquisa foram realizadas de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, segundo a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016. Este estudo também seguiu as normas éticas submetidas e aprovadas ao Comitê de Ética da UNIJUÍ sob o parecer CAAE de número 53035721.9.0000.5350.

Para responder ao objetivo proposto, a análise encontra-se articulada em duas partes: A primeira refere-se à contextualização do Senegal, focando especificamente na infância de cada participante, considerando cultura, religião, família e educação. A segunda seção compõe fragmentos das entrevistas realizadas com cada participante e a subsequente análise desses depoimentos.

DE ONDE VIM E QUEM SOU: EXPLORANDO ORIGENS



Iniciamos essa seção com a contextualização, do Senegal, país de origem dos participantes dessa entrevista. O objetivo é compreender as diferenças culturais em relação ao Brasil, contribuindo para potencializar o processo de análise.

Senegal, ou República do Senegal, é um país localizado na região oeste do continente da África, que faz fronteira com o Oceano Atlântico. De acordo com Banco Mundial (2021) a população do Senegal é estimada em aproximadamente 16,88 milhões de habitantes, com cerca de um terço residindo na capital, Dacar. O Senegal apresenta grande população rural, sendo que a sua economia é majoritariamente baseada na pesca, agricultura e também no turismo.

Sua população é composta por diversos grupos étnicos, incluindo os wolof, peul, serer, mandinga, diola. O francês é a língua oficial, mas várias línguas locais também são faladas, variando conforme o grupo étnico a qual um indivíduo pertence. A cultura e a língua francesa têm um impacto profundo na sociedade senegalesa, sobretudo no sistema educacional.

Outro ponto a ser salientado na contextualização do Senegal é em relação à religião, uma vez que, segundo a Fundação Alexandre Gusmão (Brasil, 2010), mais de 90% dos habitantes do Senegal seguem o islamismo. A religião desempenha um papel central na vida dos senegaleses, influenciando a cultura, educação, política e a sociedade do país.

De acordo com um dos entrevistados, a religião influencia em determinadas áreas da vida social, inclusive no âmbito econômico onde a mulher não pode trabalhar sem a autorização do marido. Isso se deve à concepção de que compete ao homem prover a alimentação, vestuário, moradia e demais necessidades à mulher. Ainda, em casos em que a mulher for mais abastada financeiramente que o marido, é considerado vergonhoso para o homem, se ele precisar ajuda financeira de sua mulher.

Agora, de modo pontual, iniciamos a contextualização dos sujeitos entrevistados. O primeiro entrevistado, será identificado como, sujeito 1, a fim de garantir o anonimato do participante. O sujeito 1, possui 25 anos e se identifica com o gênero masculino e atualmente mora em uma cidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, e trabalha em uma padaria, no setor da produção.

Sujeito 1, cursa sua segunda graduação, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ. A sua primeira graduação foi em comércio internacional em uma universidade pública da cidade de Dakar e instigado pelas experiências internacionais, resolveu matricular-se na UNIJUÍ logo após concluir seu primeiro curso.



Sujeito 1, nasceu na cidade de Koalack, no país do Senegal, mas viveu grande parte da vida nas cidades de Kougheul e Dakar, para poder estudar. Referente a sua estrutura familiar, o sujeito 1 é o único filho homem da família, tendo mais 5 irmãs. Seu pai de profissão era caminhoneiro e sua mãe comerciante, vendia vegetais no mercado. Todos os integrantes da família são políglotas, falando em média 5 línguas diferentes, sendo uma, a língua oficial do país e dialetos locais.

Ao ser abordado sobre a temática da educação, o sujeito pontuou dois sistemas educacionais. O primeiro a ser destacado é em relação à educação muçulmana, segundo o qual é imperativo para todos os seguidores estudar o Alcorão, considerado o livro sagrado do Islã, equivalente à Bíblia para os cristãos. Esse primeiro sistema educacional exige 17 anos de estudos, em pelo menos um turno diário. Dentro deste sistema, meninas e meninos são segregados, inclusive sentando-se em lados opostos da sala, para evitar interação entre os gêneros.

O segundo sistema educacional mencionado refere-se à escola básica, que o entrevistado identifica como “escola francesa”, refletindo a influência da colonização francesa no Senegal. Para a “escola francesa” são necessários 13 anos de estudos, os quais são divididos em três etapas. A primeira etapa totaliza 6 anos de ensino, a segunda etapa 4 anos e a terceira e última etapa totalizam 3 anos de ensino, sendo que ao completar as duas primeiras etapas o aluno recebe um certificado, e ao finalizar a terceira etapa ganha-se mais um, totalizando dois certificados na educação básica. Ao finalizar a educação básica, os alunos podem realizar graduação.

O sujeito 1 aponta que três de suas irmãs conseguiram apenas o primeiro certificado e as outras duas concluíram a educação básica, e apenas uma delas avançou para a graduação. A mãe, também só conseguiu o primeiro certificado e seu pai não estudou na escola básica, compreendendo o francês precariamente. As irmãs não realizaram a educação muçulmana, uma vez que demandava muito tempo para conciliar os dois estudos.

O segundo entrevistado será identificado como sujeito 2, também a fim de garantir o anonimato. Sujeito 2, atualmente é acadêmica de graduação na UNIJUI, já tendo realizado esse mesmo curso no seu país, sendo que após o completar, se inscreveu para estudar no Brasil. A escolha de repetir a formação se dá pelas diferenças entre as instituições, apontado que mesmo que seja o mesmo curso, assuntos diferentes são tratados.



Sujeito 2 possui 30 anos, se identifica com o gênero feminino, é muçulmana e poliglota, falando 6 línguas. Atualmente está casada e trabalha no setor de análise de uma empresa de laticínios e pertencente ao grupo ético Serer. Em relação à profissão, seu pai era eletricitista e sua mãe era feirante, vendendo cereais.

Em relação à estrutura familiar, o sujeito 2 aponta que seus pais viviam numa relação poligâmica, ou seja, seu pai (já falecido) possuía três esposas. Quanto aos seus irmãos, a entrevistada tem um total de 15, sendo, 6 filhos da mesma mãe. Ao referir-se aos seus irmãos, por vezes o sujeito 2 esquecia de incluir os demais, considerando apenas aqueles de mesma mãe, apontando que ela é a única filha mulher entre os irmãos.

Assim como sujeito 1, o sujeito 2 relatou as mesmas informações acerca do sistema educacional, apontando a “escola francesa” e a muçulmana. Ela aponta que não realizou os estudos muçulmanos, se dedicando exclusivamente aos estudos franceses. Em relação aos seus pais, o pai realizou somente os estudos muçulmanos e a mãe obtiveram apenas um certificado da educação básica. Ao pontuar seus irmãos, destaca que alguns foram para a escola francesa e outros não, alguns estudaram até obter os dois certificados da educação básica e outros apenas o primeiro, alguns foram para o ensino superior e outros não, não recordando quais os irmãos.

TÍTULO 2...

Iniciamos essa seção analítica parafraseando Lahier (2019), “as crianças vivem ao mesmo tempo, na mesma sociedade, mas não no mesmo mundo”. Diante do pensamento de Lahier, podemos entender que a infância pode ser vivida e compreendida sob diferentes perspectivas. As quais variam conforme o tempo histórico, cultura, localidade, valores e a família a qual o sujeito infantil pertence. Em outras palavras, algumas crianças podem viver na mesma cidade, no mesmo bairro e mesmo assim ter vivências e experiências diferentes. Um exemplo marcante são as crianças expostas à violência, o que evidencia que nem todas as infâncias gozam de proteção. Tratar todas as infâncias como se fossem iguais nega essa realidade e as diferenças significativas nas experiências de vida que cada criança pode enfrentar.

A infância é frequentemente naturalizada nos discursos de muitas pessoas como sendo tomada como algo único, a partir dos valores e crenças de cada um. Diante disso, parto do pressuposto que ao referir-me à infância, entendo não haver apenas uma forma de vivê-la, uma



vez que a infância é uma etapa muito particular de cada sujeito, profundamente influenciada pelas suas condições de existência.

Para o processo de analítico é importante destacar a questão da infância por dois motivos. O primeiro pelo objetivo que me proponho nesse artigo, de investigar as desigualdades de gênero vivenciadas por um homem e uma mulher senegaleses no período da infância em relação à escola. O segundo ponto é em relação à diversidade, mesmo que os dois sujeitos tenham crescido no mesmo país, pertencentes a mesma religião e formados no mesmo sistema de ensino, os sujeitos entrevistados possuem vivências e experiências diferenciadas, e também percepções diferenciadas.

Durante o processo da entrevista, sujeito 1, apontou que não sabia o que era igualdade de gênero, e nem tinha conhecimento sobre as ODS da ONU. Frente a essa observação, pensei que talvez não reconhecesse o termo igualdade de gênero, afinal a sua língua materna não é o português. Assim, durante vários momentos da entrevista foi necessário reformular as perguntas pré-constituídas, de formas diferentes, utilizando recursos visuais para facilitar o seu entendimento.

Diante disso, o sujeito 1 aponta que os professores na escola básica, desenvolviam trabalhos de respeito entre meninos e meninas, mas reconhece que grande parte dos esforços dos professores se mantinha em relação à pobreza. Uma vez que, conforme o Index mundi (2019) no ano de 2011, cerca de 46,7% da população senegalesa vivia em extrema pobreza.

Sujeito 1, aponta que o sistema de ensino no qual estudou, é muito parecido com a educação no Brasil, já que as meninas e meninos podem sentar-se juntos na sala, não havendo diferenciações na educação com base no gênero. Algo que na escola árabe, ou educação muçulmana, isso não acontecia, apontando que no momento das orações as meninas ficavam sempre atrás dos homens, os quais assumiram uma posição de liderança, uma espécie de guia.

Ao falarmos sobre a desigualdade de gênero no Senegal é importante destacar a religião por dois motivos. Primeiramente, o Senegal é majoritariamente habitado pela população muçulmana. Em segundo lugar, pelos dados quantitativos acerca da desigualdade de gênero, conforme o Fórum Econômico Mundial, revelam que dos 20 países onde há maior desigualdade de gênero, 19 são muçulmanos. Portanto, podemos considerar que sim, a religião tem forte influência na desigualdade de gênero.



É importante ressaltar que a desigualdade de gênero não é uma característica inerente à religião ou aos países muçulmanos em si. Em vez disso, está relacionada ao comportamento passivo e submisso imposto às mulheres, influenciado pela opressão masculina, que pode ocorrer em diversas culturas e contextos, independentemente da religião predominante. Tal situação é resultado de muitos anos de desigualdade de gênero, incluindo países laicos como o Brasil, em que há uma pluralidade de religiões.

Algo que o sujeito 1 reconheceu que acontecia em relação a desigualdade de gênero se manifestava, nas brincadeiras e piadas ofensivas que os meninos faziam em relação às meninas. Outro ponto que o entrevistado abordou, foi e a disparidade do ensino, em que segundo ele, havia ranking de melhores alunos por sala de aula, nomeando os cinco melhores alunos e, as meninas nunca chegavam no ranking, sendo frequentemente rotuladas como preguiçosas em relação aos estudos. Diante disso, é possível observar uma situação clara de desigualdade de gênero, a qual não foi reconhecida pelo sujeito, nem mesmo após o tensionamento de tal problemática.

A sujeito 2, destaca que o Senegal possui uma cultura muito diferente do Brasil, que no Senegal, os homens não gostam que as mulheres trabalhem, pois são muito ciumentos com suas mulheres, sobretudo quando elas têm um salário melhor do que o deles. Apontando que desde a sua infância isso tem mudado um pouco, já que é muito difícil um homem sozinho sustentar toda a sua família, ainda mais quando ele assume uma relação poligâmica.

A sujeito 2, não reconheceu que sofreu desigualdade de gênero no ambiente escolar durante a infância e nem percebeu que isso acontecia com outras pessoas, apontando que todo mundo era tratado igual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo é possível percebermos as disparidades do Brasil em relação ao Senegal, em que há muitas divergências em relação à cultura e costumes. O sistema educacional básico do Senegal se organiza de uma forma parecida em relação ao Brasil, em que ambos são divididos por etapas e possuem uma duração similar.

Outro ponto a ser destacado se refere à religião, em que é possível observar desde a introdução e o caso de Masooumeh, que a religião muçulmana, permeado de um Estado não



Laico, influência nas questões da desigualdade de gênero. Porém, a desigualdade de gênero não é uma ação condicionante dessa religião, podendo ser percebida em todas as esferas da sociedade.

Por fim, consideramos a importância das discussões acerca de gênero na escola, facilitam a proteção das crianças, promovem discussões acerca do corpo, do gênero e da sexualidade, a partir da promoção da igualdade, e do diálogo de forma democrática. Contribuindo para o combate e estereótipos e preconceitos que frequentemente levam a discriminação e desigualdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil, Fundação Alexandre de Gusmão. **Livro na Rua**. Coleção países. 2010

Folha de São Paulo. **Protestos no Irã chegam a escolas e interrompem aulas**. 2022.
Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/10/protestos-no-ira-chegam-a-escolas-e-interrompem-aulas.shtml>. Acesso em: 30, Ago. 2023

GUIMARÃES, Patrícia Ferreira et al. **O universalismo dos direitos humanos nas relações internacionais frente ao relativismo cultural**: um estudo de caso sobre a proibição das vestimentas islâmicas femininas na França. 2021.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019

LOIOLA, Ana Luísa Melo. *Feminismo e poligamia no Senegal pós-colônia: uma investigação acerca da obra “Une si longue lettre” de Mariama Bâ*. 2019..

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher**: ação e produção de evidência. 2010.

Disponível em:

http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf;jsessionid=8A30CC59446ADD8C12D32F844E05EB58?sequence=3. Acesso em: 30 abr. 2021.



Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos. –Brasília : UNESCO, 2010.156

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: **uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott**. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

Schwengber, M. S. V. ., & Drefs, J. A. F. (2022). **AS VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS: a Educação Escolar na ruptura do silêncio**. Cadernos De Pesquisa, 29(4), 213–231. <https://doi.org/10.18764/2178-2229v29n4.2022.66>

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelas bolsas concedidas